

O PASTOR CONTEMPLATIVO

EUGENE H. PETERSON

O PASTOR
CONTEMPLATIVO



*Descobrimo significado
em meio ao ativismo*

Traduzido por NEYD SIQUEIRA



Editora Mundo Cristão
São Paulo

Copyright © 2008 por Eugene H. Peterson
Publicado em acordo com a agência literária Alive Communications, Inc.,
Colorado Springs, EUA.

Editora responsável: Silvia Justino
Editora assistente: Tereza Gouveia
Supervisão editorial: Ester Tarrone
Assistente editorial: Miriam de Assis
Preparação: Marcos Granconato
Revisão: Joana Faro
Coordenação de produção: Lilian Melo
Colaboração: Pâmela Moura
Capa: Douglas Lucas

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (Sociedade Bíblica Internacional), salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Peterson, Eugene H., 1932 —

O pastor contemplativo: descobrindo o significado em meio ao ativismo / Eugene H. Peterson; traduzido por Neyd Siqueira — São Paulo: Mundo Cristão, 2008, 2ª ed. revisada.

Título original: The Contemplative Pastor
ISBN 978-85-7325-541-6

1. Clero — Ministério 2. Direção espiritual 3. Teologia pastoral I. Título.

08-05209

CDD —253.53

Índice para catálogo sistemático:

1. Direção espiritual: Cristianismo 253.53
Categoria: Espiritualidade

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados pela:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

2ª edição revisada: agosto de 2008

Sumário

<i>Prefácio</i>	7
-----------------	---

REDEFINIÇÕES

1. O substantivo indefeso	21
2. O pastor ocioso	25
3. O pastor subversivo	35
4. O pastor apocalíptico	47

ENTRE OS DOMINGOS

5. Ministério em meio ao tumulto	61
6. Cura de almas: a arte esquecida	65
7. Orando de olhos abertos	75
8. Primeira linguagem	95
9. O crescimento é uma decisão?	103
10. O ministério da conversa trivial	117
11. Enfermo de uma nova maneira	123
12. Preso ao mastro	135
13. Deserto e colheita: uma história sabática	145

A PALAVRA RENOVADA

14. Poetas e pastores	157
15. Poemas	161

Para
H. James Riddell

Prefácio

Se Eugene H. Peterson não fosse presbiteriano, ele poderia ser um monge. Seus livros mais conhecidos, *Uma longa obediência na mesma direção: Discipulado numa sociedade instantânea*¹ e *Traveling Light to Earth and Altar* [Viajando sem bagagem para a terra e o altar], republicado sob o título *Onde está seu tesouro*,² tratam da prática da espiritualidade cristã.

Peterson tem um comportamento monástico. Ele é magro, usa barba e está ficando calvo. Possui uma voz baixa e rouca, de alguém que enfrentou muitas vezes as noites sombrias da alma. Tem o ar firme e sereno, próprio dos que superam o medo inato do silêncio e da solidão. E mesmo quando tem algo duro a dizer, palavras bondosas parecem brotar de uma profundidade genuína.

Deixando, porém, de lado o aspecto monástico, Peterson é um verdadeiro protestante, pastor da Igreja Presbiteriana Cristo Nosso Rei, em Bel Air, Maryland. Ele decidiu desde o início nunca pastorear uma igreja com mais membros do que pudesse chamar pelo nome. Eugene e sua esposa, Jan, fazem parte da igreja Cristo Nosso Rei, uma congregação de cerca de trezentos membros, há 26 anos.

¹ São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

² Rio de Janeiro: Textus, 2005.

A partir da publicação da obra *Uma longa obediência na mesma direção*, em 1980, Eugene ganhou uma reputação bastante difundida (embora apropriadamente discreta) como pastor zeloso e franco, que compreende as disciplinas espirituais e sabe comunicar sua prática.

Seu ministério pastoral e seus escritos são produto de um ambiente erudito. Eugene domina as línguas bíblicas e obteve seu doutorado com o magistral William F. Albright. Ele, contudo, evita exibir seus conhecimentos. Petersen fica, na verdade, constrangido com perguntas insistentes sobre seus livros, afirmando que sua marca distintiva e objetivo na vida são apenas as coisas próprias de um pastor confiável. Num mundo de conversas vazias e exibicionismo cada vez maiores, Petersen se dedicou à promoção não apreciada da honestidade, da simplicidade e do conteúdo.

Em setembro de 1987, passei três dias com Eugene e Jan, mas não em Bel Air. Eu os visitei na casa de seus falecidos pais no noroeste de Montana, durante a licença sabática de um ano de Eugene (as reflexões dele sobre esse período estão no Capítulo 13). A casa fica situada em uma baía do lago Flathead, um espelho azul do imenso céu que se estende por trás da propriedade. As Montanhas Rochosas, com seus picos nevados, rodeiam o lago. A apreciação de Eugene é evidente. Uma noite ele ficou na cozinha, com a luz tremulante do lago refletida no teto pelo sol no ocaso. Com as mãos enfiadas nos bolsos dos jeans, ele olhou pela janela e murmurou sozinho: “Amo a sensualidade deste lugar”.

Os Peterson ficaram em Montana até outubro, passando horas em oração, caminhando nas montanhas próximas, lendo juntos em voz alta, esquiando pela região, Eugene escrevendo e Jan datilografando os rascunhos de dois livros. O tempo a sós do casal — momentos preciosos para qualquer dupla envolvida com o ministério — foi pontuado pelas visitas dos filhos Karen, Eric e Leif.

Setembro era a época ideal para uma entrevista. Eugene sentia-se revigorado pelo período sabático, pronto para voltar a seu trabalho pastoral. Passamos horas junto a um gravador, mas passeamos também pelas montanhas perto da casa, enquanto Eugene discutia as formações geológicas, contava lendas indígenas sobre os frutos das coníferas e mostrava uma

sucessão infinita de vida selvagem. Quaisquer que fossem, no entanto, os assuntos da conversa, ela retornava sempre aos temas ligados à espiritualidade: a importância do lugar, o valor da criatividade, o papel central da comunidade e a necessidade da insurreição cristã. Quando perguntado sobre o que unia tudo, Eugene, observando uma águia-pescadora que voava sobre a baía, citou a última linha do *Diary of a Country Priest* [Diário de um sacerdote camponês], de Bernanos: “A graça está em toda parte”.

ESPIRITUALIDADE E LUGAR

A pessoa [...] que busca resultados rápidos ao plantar as sementes das boas obras ficará decepcionada. Se eu quiser batatas para o jantar de amanhã, de nada adiantará plantar sementes de batata nesta noite. Há longos períodos de escuridão, invisibilidade e silêncio que separam a semeadura da colheita. Durante os períodos de espera estão o cuidado e o cultivo, assim como a formação e plantio de outras sementes.

Traveling Light³

Seus livros são terrenos no sentido literal da palavra. Incluem metáforas agrícolas, títulos como Terra e Altar. Embora vivamos numa sociedade eminentemente móvel, lendo-os experimentamos um forte sentimento de lugar, da importância do local em que a pessoa se encontra.

Eu gosto de ler o poeta-agricultor Wendell Berry. Ele se volta para um pequeno pedaço de terra em Kentucky, cuida dele, respeita-o, submete-se a ele como um artista se submete a seus materiais. Leio Berry e cada vez que ele fala de “fazenda” e “terra”, substituo esses termos por “congregação”. Enquanto fala de sua fazenda, ele se refere ao que tento praticar em minha igreja, porque um dos principais aspectos da obra pastoral é a localização.

A pergunta pastoral é: “Quem são essas pessoas e como estar no meio delas de modo que venham a ser aquilo em que Deus as está transformando?”. Meu trabalho é simplesmente ficar ali, ensinando, pregando as Escrituras

³Eugene H. PETERSON, Colorado Springs: Helmerr's & Howard Publishing, 1988.

da melhor forma possível e sendo sincero, sem fazer nada para interferir no que o Espírito está esculpindo nas pessoas. Será que Deus está fazendo algo que eu sequer poderia imaginar? Estou preparado para ficar em silêncio por um dia, uma semana ou um ano? Como Wendell Berry, estou disposto a passar cinquenta anos recuperando essa terra? Com essas pessoas?

Espiritualidade cristã significa viver na inteireza madura do Evangelho. Significa tomar todos os elementos da vida — filhos, cônjuge, trabalho, tempo, bens, relacionamentos — e experimentá-los como um ato de fé. Deus quer todo o material de nossa vida.

O que significa experimentar todo o material de nossa vida como um ato de fé?

Significa que sou responsável por dar atenção à Palavra de Deus aqui neste local. O conceito de espiritualidade denota que Deus está sempre fazendo algo antes que eu perceba. A tarefa então não é conseguir que Deus faça algo que eu acho que deve ser feito, mas discernir o que ele está realizando, de modo a responder a sua atuação, participando e me alegrando nela.

Quando me envolvo com minha congregação, chego às vezes admirado em casa ao descobrir o que está ocorrendo na vida das pessoas. Não porque não sejam pecadoras. Elas vivem e pecam, se rebelam e fazem coisas insensatas, mas a coragem e a graça se acham ali quase todos os dias. Quando estou trabalhando — isto é, quando não fico isolado, mas mergulho em meu próprio ambiente — percebo que meu sentimento característico no final do dia é uma sensação de reverência diante da influência de Deus sobre essas pessoas.

Mencione alguns incidentes que o fizeram entender isso.

Penso em Leigh e Joe Phipps. Leigh era a professora da primeira série de meu filho caçula e Jan era assistente dela. Em certa ocasião, Jan convidou-a para ir à igreja. Leigh disse que talvez fosse, mas não gostava de vestir-se formalmente. Domingo era o dia do *jeans*, então Jan disse a Leigh que, se quisesse, podia ir vestida assim.

A partir desse momento, surgiu uma espécie de brincadeira entre elas. Sempre que encontrava Leigh na mercearia, Jan brincava: “É melhor lavar

seus *jeans!*”. Mas Leigh nunca apareceu. Os anos se passaram. Nossa filha Karen foi então fazer um curso de cerâmica, e Leigh era uma das alunas. Ela foi apresentada a Karen, mas nada aconteceu. Bem, ao menos fazíamos parte da mesma comunidade. Finalmente, há dois anos, ocorreu algo novo: depois de vinte anos de oração e espera, Leigh tornou-se cristã!

Esse não é o fim da história. Joe Phipps fora um colega de escola de Leigh de quem ela gostava muito. Eles namoraram e desmancharam algumas vezes, mas a vida dele tomou rumos errados. Ele se envolveu com drogas e acabou preso por contrabando. Então, certo dia, ele clamou por ajuda e passou por uma espécie de conversão. Em seguida, procurou Leigh e lhe disse: “Não sei o que isso significa”. Ela respondeu que conhecia um pastor e o trouxe a mim.

Leigh e Joe acabaram se casando. Eles me pediram para tocar banjo e cantar *Farther Along* [Bem mais adiante] com Jan no casamento. Leigh e Joe e o casamento deles ainda têm um longo caminho a percorrer. Ele está cumprindo pena na prisão, mas passou a assinar seu nome desta maneira: “Joe ‘Bem Mais Adiante’ Phipps”.

Então como pastor você vê graça em algumas situações improváveis?

Vejo sim, e meu trabalho não é resolver os problemas das pessoas ou torná-las felizes, mas ajudá-las a ver a graça operando em suas vidas. Isso é difícil porque toda a nossa cultura segue em outra direção, dizendo que se você for inteligente o bastante e obtiver a ajuda certa, poderá resolver todos os seus problemas. A verdade, porém, é esta: não encontramos muitas pessoas felizes na Bíblia. Contudo, há pessoas que experimentam alegria, paz, e o significado do sofrimento de Cristo em suas vidas.

A obra da espiritualidade é reconhecer onde nos encontramos — as circunstâncias particulares de nossa vida — perceber a graça e indagar: “Será que Deus quer ficar a meu lado sem mudar meu cônjuge ou sem me afastar dele e de meus filhos? Será que seu propósito é mudar a mim mesmo e fazer algo em minha vida que eu jamais poderia provar sem dor e sofrimento?”.

Algumas vezes, penso que tudo o que faço como pastor é falar a palavra “Deus” em uma situação na qual ela nunca fora dita antes, onde as pessoas jamais reconheceram sua presença. Alegria é a capacidade de ouvir esse nome e reconhecer que Deus está aqui. Há uma espécie de regozijo porque Deus está agindo e, mesmo que faça algo pequeno, isso basta no momento.

ESPIRITUALIDADE E CRIATIVIDADE

Obras originais da graça são possíveis na tarefa diária de perdoar o pecador, ajudar os que sofrem e aceitar responsabilidades pessoais [...] A criação contínua. As ruas e os campos, as casas e os mercados do mundo são uma galeria de arte que não exhibe a cultura, mas novas criações em Cristo.

Traveling Light⁴

Você escreveu que todos nascem para viver criativamente, mas muitos de nós falhamos nisso. Qual a razão?

Em grande parte é porque somos preguiçosos. A criatividade é difícil. Quando você é criativo, vive pela fé. Não sabe o que virá em seguida porque o que foi criado, por definição, nunca existiu antes. Então você se vê vivendo dentro dos limites de algo em que não confia muito. Talvez você falhe; de fato, irá falhar quase sempre. Todas as pessoas criativas que conhecemos jogam fora a maior parte das coisas que fazem.

Outra razão pela qual talvez não nos inclinemos a viver criativamente seja nossa noção limitada da criatividade. Tendemos a pensar que só os artistas e os escritores de ficção são criativos.

O fato é que a maior parte da criatividade não é visível. Isto é, quase ninguém nasce com corpo de atleta ou com habilidade artística para pintar. Todavia, acho que todos têm criatividade. Com materiais diferentes, ela é a base de nossa vida.

Não existe vida que não tenha recebido graça. Acabei de ler uma carta enviada por um casal de amigos de Jan que moram em Seattle. Eles têm

⁴Op. Cit.

uma filha de um ano. Duas ou três semanas após seu nascimento, descobriram que a criança era quase cega.

Conheço Ruthie desde que ela era adolescente e, portanto, participei de sua dor. Sofri também com seu marido, Dave. Ele é um sujeito vigoroso, que gosta da vida ao ar livre. Já escalou montanhas em todos os continentes do mundo. Dave tem uma espiritualidade profunda e silenciosa. É um casal maravilhoso, mas a filhinha deles nasceu cega. Minha primeira reação foi acolher uma enorme sensação de tristeza e tragédia — do tipo: “Como isso foi acontecer com Dave e Ruthie?”.

Conversei, porém, com Ruthie ontem pelo telefone. Ela disse: “Tive muitas experiências em minha vida, mas nenhuma maior do que a de ser mãe”. Disse também que tínhamos que ver Dave com a filha. A pequena Cairn, de pouco mais de um ano, já esteve em picos de montanhas na Península Olímpica, nas Cascades, nas Rochosas e nas Smoky. Dave a leva sempre em suas excursões.

Essa criança está trazendo à tona o que há de melhor neles. Cairn, qualquer que seja a sua condição, é um presente de Deus. Eis um casal que está vivendo criativamente: eles tomaram o que lhes foi dado e o inseriram na vida de graça e redenção.

ESPIRITUALIDADE E COMUNIDADE

Nosso compromisso com a igreja é um corolário da nossa fé em Cristo. Não podemos ser cristãos e não ter nada em comum com a igreja, assim como não podemos ser pessoas e não pertencer a uma família [...] Essa é uma parte integrante da redenção.

Uma longa obediência na mesma direção⁵

Os cristãos norte-americanos tendem a se concentrar na oração particular em vez de dar importância à oração comunitária ou à oração durante o culto. Em seus escritos você dá a entender que não se sente confortável com essa tendência.

⁵Eugene H. PETERSON, São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

É verdade. A oração-modelo não é solitária, mas feita em comunidade. O contexto bíblico básico para ela é a adoração. É por isso que o culto me parece ser a melhor ocasião para praticá-la. É o único contexto no qual podemos recuperar a profundidade do Evangelho.

Isso significa que aprendemos a orar na comunidade, que aquilo que fazemos a sós é algo que extraímos da adoração comunitária?

Isso mesmo. Se alguém me diz: “Ensine-me a orar”, respondo: “Venha a esta igreja às nove horas da manhã de domingo”. Você aprende a orar nos cultos. Evidentemente, a oração é uma prática contínua e assume formas alternativas quando se está sozinho. Porém, os crentes inverteram a ordem de importância. Na longa história da espiritualidade cristã, a oração comunitária vem primeiro, depois a individual.

O que aprendemos na oração em conjunto?

Uma lição que aprendemos é ser guiados em oração. Posso pensar na oração como uma iniciativa minha. Percebo que tenho uma necessidade ou que estou feliz e então oro. A ênfase está em mim e sinto quando oro que eu mesmo dei início a alguma coisa.

Mas o que acontece quando vou à reunião da igreja? Fico ali sentado até que alguém se levanta, põe-se à frente e diz: “Vamos orar”. Não fui eu que comecei; estou apenas respondendo. Isso significa que fui humilhado. Meu ego não ocupa mais o lugar de proeminência. Essa mudança é básica na oração, porque orar é um discurso pronunciado como resposta.

A oração deve ser uma resposta ao que Deus disse. A congregação que adora — ouvindo a Palavra lida e pregada, e celebrando-a nos sacramentos — é o lugar onde aprendo a orar e onde pratico a oração. Ela é o centro no qual eu oro. Ao deixá-la vou para meu quarto ou para as montanhas e continuo orando.

Uma segunda verdade sobre orar em comunidade é que quando oro numa igreja meus sentimentos não são levados em conta. Quando entro na congregação ninguém me pergunta: “Como você está se sentindo hoje? Sobre o que tem vontade de orar?”.

A igreja é, assim, um lugar onde aprendo gradualmente que a oração não é condicionada ou autenticada por meus sentimentos. Nada é mais devastador para a oração do que quando começo a avaliá-la de acordo com meus sentimentos e penso que para orar seja necessário provar alguma sensação especial, certa impressão espiritual ou paz; ou ainda, de outro lado, angústia.

Isso é praticamente impossível aprender por si mesmo. Mas se eu estiver numa congregação, aprenderei sempre que a oração continuará quer eu queira ou não. Aliás, ela continuará até mesmo se eu dormir o tempo todo.

ESPIRITUALIDADE E SUBVERSÃO

A oração é uma atividade subversiva. Ela envolve um ato praticamente franco de desafio contra qualquer reivindicação do regime em vigor. [À medida que oramos,] lenta mas seguramente, nem cultura, nem família, governo, emprego, ou mesmo o ego tirânico pode resistir ao poder silencioso e à influência criativa da soberania de Deus. Cada laço natural de família e raça, cada compromisso deliberado com pessoas e com a nação é finalmente sujeito ao governo de Deus.

Onde seu tesouro está⁶

Os cristãos norte-americanos aceitam muito facilmente a idéia de que a cultura que os cerca é cristã?

Sim. É proveitoso ouvir pessoas de outras culturas inseridas em nossa para saber o que ouvem e o que vêem. Pelo que tenho percebido, elas não vêem aqui um país cristão. Se você ouvir Solzhenitsyn⁷ ou o Bispo Tutu, ou estudantes universitários da África ou da América Latina, verá que eles não enxergam os Estados Unidos como um país cristão. Na verdade, vêem algo que é quase o oposto disso.

⁶Eugene H. PETERSON, São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

⁷Trata-se de Aleksandr Isayevich Solzhenitsyn, escritor russo, autor do *best-seller Arquipélago Gulag*. (N. do E.)

Percebem muita cobiça e arrogância. Vislumbram uma comunidade cristã despojada de quase todas as virtudes da comunidade cristã bíblica que é ligada à vida sacrificial e ao amor visível. Vêm muita indulgência em relação a sentimentos e emoções e uma busca ávida de gratificação.

Algo também importante: eles enxergam além da fachada da nossa linguagem, do jargão cristão que colocamos diante de tudo. O que atrai os estrangeiros para a América é o materialismo e não a espiritualidade. É interessante ouvir os refugiados que entram no país: o que eles querem são carros e televisão. Não estão à procura do nosso evangelho, a não ser que interpretem o evangelho como promessa de riquezas e conforto.

Você prega sobre isso para a sua congregação?

Sim.

Como faz isso? Tenho certeza de que não é fácil.

Como sabe, sou um deles. Vivo no mesmo tipo de casa que eles. Dirijo o mesmo tipo de carro. Compro nas mesmas lojas. Sou, então, como eles. Estamos todos no mesmo barco.

É possível para alguns afastar-se da sociedade e formar uma espécie de colônia, a fim de desafiar a sociedade com um modelo novo de tropa de choque. Esse não é, porém, meu chamado, e não acho recomendável usar a linguagem do separatismo em uma congregação em que todos temos emprego e estamos tentando encontrar espaço como discípulos na sociedade, fazendo o que for possível nela. Se agir assim, perderei credibilidade. Usarei um tipo de linguagem no domingo e outro na segunda-feira.

O que tentei desenvolver então, em primeiro lugar em mim mesmo, foi a mentalidade de um subversivo. O subversivo é alguém que toma a coloração da cultura, na medida que isso seja visível para os outros. Se perder a coloração, perde a eficácia. O subversivo trabalha em silêncio e às ocultas, pacientemente. Ele se dedica à vitória de Cristo sobre a cultura e se dispõe a fazer pequenas coisas. Aliás, nenhum subversivo faz nada grande em tempo algum. Ele está sempre levando mensagens secretas, semeando a suspeita de que há algo além daquilo que a cultura diz ser definitivo.

Cite alguns atos específicos da subversão cristã

São atos cristãos comuns. Atos de amor sacrificial, justiça e esperança. Não há qualquer novidade nisso. Nossa tarefa é desenvolver uma auto-identidade como cristãos e não fazer essas coisas de maneira incidental em nossa vida, mas sim colocá-las no centro de tudo. Ao nos encorajarmos mutuamente, orarmos juntos, estudarmos juntos as Escrituras, passamos a sentir que essas coisas são de fato o cerne da nossa vida. E também reconhecemos que de fato não são o centro da vida do mundo, por mais que culturalmente as conversas versem sobre aspectos do cristianismo.

Se pudermos desenvolver a noção de que o amor sacrificial, a justiça e a esperança são a essência de nossa identidade — nos acompanham no trabalho todos os dias e voltam conosco para casa todas as noites — seremos então realmente subversivos. É preciso compreender que a subversão cristã não é nada gloriosa. Os subversivos não ganham batalhas. Tudo o que fazem é preparar o terreno e mudar um pouco o ambiente em direção à fé e à esperança, para que quando Cristo vier haja indivíduos a sua espera.

Devemos levar a sério o prefixo na palavra subversivo, a idéia de sair de baixo de algo?

Acho que sim. Estamos trabalhando em profundidade, no âmago das coisas. As imagens do evangelho são imagens de crescimento que começam a partir de baixo. Uma semente, por exemplo, é subterrânea e subversiva.

Tenho um amigo com cerca de 33 anos que é pastor. Ele é alto, tem boa aparência e uma forte personalidade — o tipo de pessoa adequada para trabalhar na televisão ou com uma igreja de renome. Mas ele fez questão de descer a escada e está estabelecido na pequena cidade de Victor, em Montana. Talvez necessitemos de mais pastores como ele, homens que queiram ser locais, que levem a sério um lugar e se dediquem a uma igreja que almeje ser uma comunidade real, usando o material simples do povo da lugar.

É assim que entendo a vida pastoral. Tenho servido à igreja Cristo Nosso Rei há 26 anos. Tudo o que William Faulkner conhecia eram duzentos ou trezentos hectares do Mississipi, e penso que é isso o que quero fazer.

Minha vontade é conhecer duzentos a trezentos hectares de Cristo, conhecer e continuar conhecendo.

Rodney Clapp
Editor associado Christianity Today, 1989

Redefinições

1

O substantivo indefeso

Se, mesmo por um só momento, eu aceitar a definição que minha cultura faz de mim, isso me tornará indefeso.

Um substantivo puro não precisa de adjetivos. Os adjetivos atravancam o bom substantivo. Se, porém, o substantivo tiver sido prejudicado pela cultura, os adjetivos se tornam necessários.

Pastor era um desses substantivos puros — cheio de energia e vigor. Sempre gostei do som dessa palavra. Desde criança, ela me fazia pensar em alguém que amava a Deus e tinha compaixão das pessoas. Embora os pastores que conheci não tivessem essas características, a palavra ainda mantinha sua força, apesar dos modelos ruins. Ainda hoje, quando me perguntam como quero ser chamado, respondo sempre: *Pastor*.

Ao observar, entretanto, a maneira como a vocação pastoral é vivida na América e ouvindo o tom e o contexto em que o termo *pastor* é pronunciado, compreendo que minha percepção da palavra é muito diferente da dos outros. No uso comum esse substantivo é fraco, definido a partir de caricaturas e diminuído por noções de oportunismo. A necessidade de adjetivos que o fortaleçam é essencial.

Percebo que constantemente tenho de fazer esses reparos usando adjetivos ao recusar as definições de *pastor* que a cultura me oferece, redefinindo e reformulando minha vida à luz dos conceitos e imagens das Escrituras. A cultura me trata com tanta amabilidade! Ela me encoraja a manter o credo ortodoxo, elogia minha prática evangélica e louva minha devoção singular. Tudo o que a cultura pede é que eu aceite sua definição de meu trabalho, ou seja, que eu me veja como um encorajador da boa vontade, como o sacerdote que irá aspergir água benta sobre todas as boas intenções. Muitas pessoas que pensam assim são minhas amigas. Nenhuma delas, ao que me parece, é conscientemente maliciosa.

Mas se eu, por um só momento, aceitar essa definição da cultura sobre mim, vou me tornar vulnerável. Posso denunciar o mal e a insensatez o

quanto eu quiser e serei tolerado em minhas denúncias como um bobo da corte é tolerado. Posso administrar a boa vontade dos outros e permitirão que eu faça isso, desde que seja só nos fins de semana.

Por tudo isso, a essência do termo *pastor* pede uma redefinição. Com essa finalidade, ofereço três adjetivos para explicar o substantivo: *ocioso*, *subversivo* e *apocalíptico*.